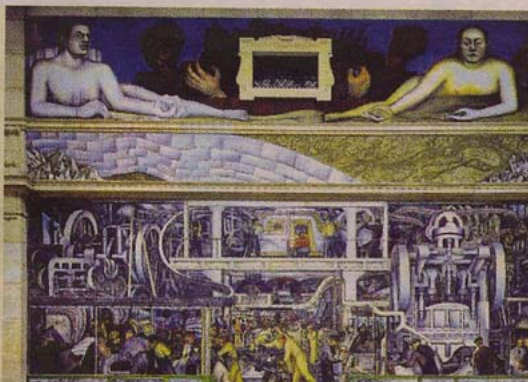
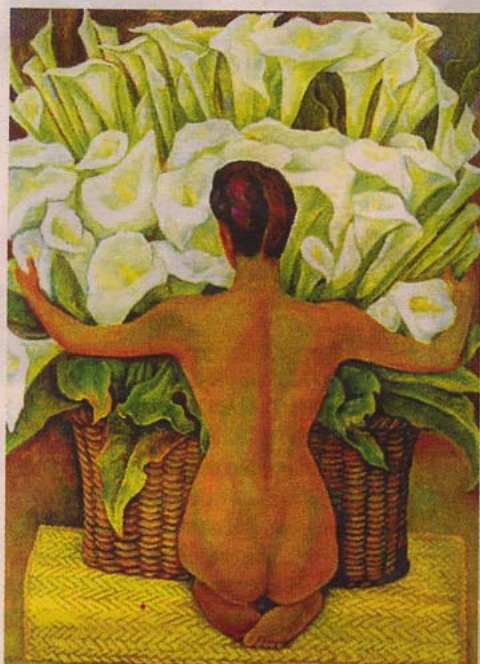
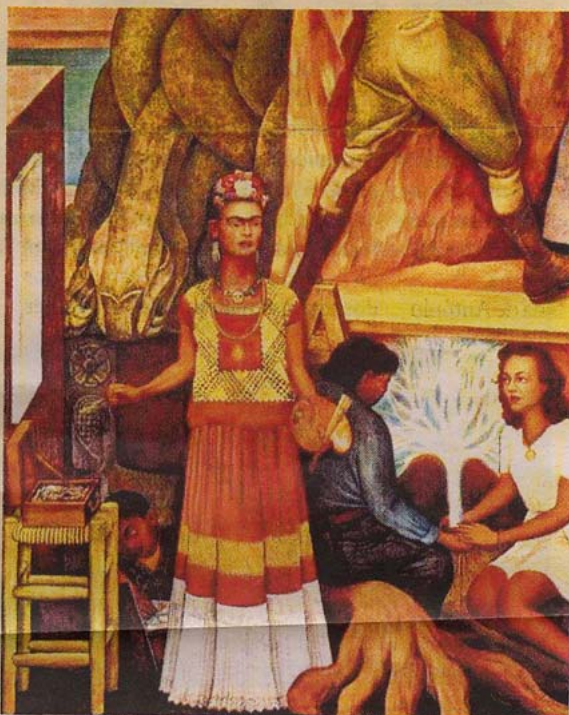


OLHARES



Complexo. Misturou os deuses aztecas Coatlicue e Quetzalcoatl com os rostos de Lenine e Trotsky, factos históricos da epopeia mexicana e tradições actuais (como a festa do *Dia dos Mortos*), o rosto da mulher Frida e corpos de índios entre lírios. Comunista assumido, fez painéis nos EUA pagos por capitalistas. Enalteceu a primazia das grandes pinturas morais, "meio para educar o público em relação a novas formas de ver o mundo moderno" (James Malpas), e, depois, no estúdio que surge em *Atelier do Pintor*, voltou ao cavalete para pintar burgueses por encomenda



História da arte. O marido de Frida Khalo, que nas últimas décadas estava a ser subavaliado em comparação com a obra da mulher, pois entretanto a pintura dela passara a fascinar o mundo, volta a ser considerado um artista "fora de série"

Rever a arte de Rivera

Nem sequer se pode considerar que seja um mero pintor do chamado 'realismo socialista'

FERNANDO MADAÍL

Infiel e fanfarrão marido da frágil e doente Kahlo, muito mais famoso em vida que a sua jovem mulher, Diego Rivera chega a ser apresentado, em registos enciclopédicos, quase só como "o marido de Frida". A recente passagem do cinquentenário da sua morte (24 de Novembro de 1957) está, no entanto, a despertar um novo interesse pela obra do muralista mexicano. Aquele movimento, em que participa com Orozco e Siqueiros, é considerado por James Maples "um dos fenómenos mais intrigantes da pintura do século XX", pela forma como acaba por conciliar uma resposta aos ideais comunistas com uma liberdade formal e estética sem paralelo, por exemplo, na URSS.

Ao contrário de Siqueiros e Orozco, nos anos da revolução de Zapata e Pancho Villa, que ele irá imortalizar com os seus pincéis, Rivera viveu, entre 1909 e 1920, na Paris de Picasso e de Juan Gris. Nessa época, contactou com os frescos dos renascentistas italianos a ponto de Jorge Volpi escrever, no *El País*, que "o comunismo ocupou para ele um espaço idêntico ao da Igreja Católica para os seus antecessores, e o seu panteão de heróis revolucionários rivaliza com a vasta iconografia religiosa".

Acerca de Diego, nas últimas décadas, têm sido destacados dois aspectos: a sua relação machista com Frida e um assumido comunismo impresso na obra. No primeiro caso, aquela relação entre "o elefante e a pomba", essa alusão ao corpanzil do muralista das grandes dimensões e à magreza da pintora das telas pequenas, chega ao ponto de Rosa Montero, ao escrever sobre Kahlo, o definir como um "cara de batráquio", "personagem inqualificável" e de comportamento "abomi-

nável". Ora, "Fisita", como Frida assinava as cartas e os recados que lhe mandava, apesar das mútuas traições conjugais, tratava-o com expressões como "meu amor", "menino dos meus olhos" ou "amor de todos os corações".

Sobre a sua filiação estilística, no decorrer dos anos, como escreve Andrea Kettenmann na monografia que fez para a Taschen e onde o considera um "artista fora de série", a obra de Rivera acabou "por ser vista inseparavelmente ligada ao *realismo socialista*". E esse juízo pode ser precipitado. "O estilo dos seus murais", sustenta, "até mesmo a sua estética, baseada nos seus estudos de frescos renascentistas italianos, das proporções clássicas, das formas das esculturas pré-colombianas, do espaço cubista e da representação futurista do movimento, têm, ao fim e ao cabo, pouco em comum com o *realismo socialista*."

E talvez seja agora tempo de se redescobrir Diego Rivera. Afinal, como conclui a monografia, ele "criou imagens universais que ainda hoje impressionam". ■